



Resenha da obra:

TEORIA FEMINISTA: Da Margem ao Centro¹

Book review: "Feminist Theory: From Margin to Center"

Author: bell hooks. *Translated by Rainer Patriota*

Publishing house in Brazil: Perspectiva. 2019.

São Paulo. 246p.

Sarah Eliude Leite Bastos²

Resumo: Uma obra de linguagem fácil, fruto de uma cuidadosa pesquisa e das experiências de vida da autora. Em doze capítulos, bell hooks (2019), comprometida com a elaboração de uma teoria feminista que fale a todos, expõe sua crítica interna ao feminismo, com o intuito de que ele supere suas limitações e se desenvolva enquanto movimento revolucionário e, assim, transforme toda a sociedade. Para que isso aconteça, ela toca em questões delicadas da luta, como, por exemplo: seu caráter classista e racista. No entanto, como integrante que almeja a revolução feminista, ela sugere caminhos de superação.

Palavras-chave: Feminismo; Marginalidade Social; Revolução.

Abstract: An easy reading piece, created after a careful research and based in the author's life experience. In twelve chapters, bell hooks, compromised with the development of a feminist theory that can speak with all kind of people, talks about her own critics about the feminism, wishing it to overcome its limitations so it can develop its potential as a revolutionary movement, transforming all of the society. For that to happen, she brings up questions about the fighting, such as its racist and classist face. However, as a member who wishes for the feminist revolution, she suggests ways to overcome those problems.

Keywords: Feminism, Social Maginality, Revolution.

1. bell hooks. Teoria Feminista: Da Margem ao Centro. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Editora Perspectiva. 2019. 246p. Resenha elaborada a partir da disciplina Leitura Crítica de bell hooks, oferecida na Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos, ministrada pela Profa. Dra. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, no 2º. Semestre de 2023.

2. Mestranda no Programa de Educação da Universidade Católica de Santos, Bolsista CAPES. Pedagoga graduada pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Campus São Joaquim, Lorena (2018). E-mail: profasaraheliude@gmail.com.

Antes de abordar a essência do conteúdo desta obra, gostaria de pontuar seu caráter investigativo. Logo no *Prefácio à Nova Edição (Vendo a Luz: Feminismo Visionário)*, bell hooks³ (2019) nos conta que desenvolveu “[...] uma consciência feminista [...] no seio de uma família patriarcal [...]” (p.16). E, aos dezenove anos, já havia esboçado seu primeiro livro feminista: *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism (Não Serei Eu Mulher? As Mulheres Negras e o Feminismo)*. No entanto, o seu envolvimento com o movimento feminista se deu em sua fase universitária. A partir das vivências nos grupos feministas e de seu aprofundamento nas literaturas que abordavam este tema, ela identificou um elemento que os pesquisadores pontuam como o limite de um estudo. O que significa que algo sobre o tema ainda não foi abordado ou não foi abordado de forma satisfatória para possibilitar o enfrentamento dos problemas existentes.

Sabemos que a pesquisa nasce da necessidade de construirmos ou reconstruirmos as ideias, quando as que estão postas já não são suficientes para lidar com a realidade e/ou a necessidade social presente. E assim sucedeu com bell hooks, em resposta à necessidade “[...] de uma teoria capaz de mapear ideais e estratégias para um movimento de massas [...]” (p.18), e que também discutisse “os papéis de gênero herdados de uma tradição sexista” (p.17); além disso, que concomitantemente considerasse a inter-relação gênero, raça e classe social. Foi nesta direção que ela escreveu *Teoria Feminista: Da Margem ao Centro*. Desta forma, prática e didática, a autora nos relata o nascimento de uma pesquisa.

Agora, será conveniente tratarmos de aspectos presentes na essência do conteúdo da obra. Neste sentido, de antemão, é preciso considerar que esta obra não é apenas uma leitura para deleite, mas uma proposta consciente de se experimentar o desconforto intelectual.

Embora seja uma obra escrita há décadas, ela não perdeu sua pertinência e nem seu caráter provocativo. Percebi que, mesmo no século XXI, nem todos estão prontos para compreender os desvelamentos propostos por bell hooks (2019). Ao fazer uma citação e comentar sobre o conteúdo da obra em uma roda de amigos, uma pessoa me interrompeu, dizendo que não importava a cor nem a classe nem os interesses de quem deu início ao movimento feminista: o que importa é que iniciou e que está posto! O “engraçado” é que esta pessoa era homem, branco, de classe média alta. Esse caso me ajudou a compreender ainda melhor, quando bell hooks (2019) nos expõe a necessidade da diversidade de vozes presentes para a constituição da revolução feminista,

3. Gloria Jean Watkins escolheu o pseudônimo bell hooks inspirada em sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. Por solicitação da autora, o pseudônimo deve ser escrito propositalmente com letras minúsculas para que a ênfase não seja dada a sua pessoa, mas ao conteúdo de sua escrita

pois a importância dessa diversidade reflete diretamente na definição dos objetivos e nas intenções e interesses do movimento feminista.

Imbuída de um espírito intrigado (com relação às desigualdades sociais), curioso (propulsor de suas pesquisas), crítico (o qual analisa e expõe as controvérsias sobre o assunto) e esperançoso (pois se preocupa em sugerir caminhos para resoluções dos problemas), bell hooks (2019) escreve “Teoria Feminista: da margem ao centro”. Toma essa decisão, após perceber a necessidade de “[...] uma teoria que examinasse nossa cultura de um ponto de vista feminista enraizado numa compreensão das questões de raça, gênero e classe social” (p.18). Apoiada em uma densa bibliografia, com mais de cinquenta autores, a autora articula suas posições e contraposições. Ela direciona esta obra a todas as pessoas que estejam dispostas “[...] a repensar ou pensar pela primeira vez no impacto do sexismo nas nossas vidas e na importância do movimento feminista [...]” (p.14).

Em homenagem a sua avó materna, que era considerada uma mulher “sem papas na língua” - Gloria Jean Watkins -, a autora escolhe ser chamada de bell hooks, nome que faz jus às suas ideias provocativas externadas nesta obra. Ou seja, uma obra desconfortável por denunciar a “verdade nua e crua” sobre aspectos pertinentes ao movimento feminista.

Trata-se, assim, de uma escritora estadunidense que estabelece diálogos e aproximações com as obras freirianas⁴. É uma mulher negra, intelectual, feminista, militante antirracista, nascida nos anos cinquenta em uma sociedade de segregação racial (EUA). E ela narra a seguir:

Para a maioria dos habitantes de uma pequena cidade do estado de Kentucky, os trilhos da estrada de ferro nos faziam recordar diariamente nossa marginalidade. Do lado de lá desses trilhos, havia ruas pavimentadas, lojas em que não podíamos entrar, restaurantes onde não podíamos nos sentar e comer, e pessoas que não podíamos olhar diretamente no rosto (bell hooks, 2019, p. 23).

Nesta obra, com a bagagem histórica de quem já “sofreu na pele” a discriminação e a opressão, com a perspicácia intelectual e em solidariedade com todas as outras pessoas, que também sofrem, bell hooks (2019) aponta a necessidade de uma “revolução feminista” (p. 21) com o intuito de, a partir de uma verdadeira revolução, instaurar uma “nova ordem social” (p. 232). Segundo a autora, esta seria a única forma de transformar o cenário utópico, de um mundo pleno em paz, liberdade e justiça, em realidade. No entanto, alerta que esta revolução não deve ser violenta, até porque os oponentes estão até mais bem preparados no que diz respeito a um conflito bélico (p.

4. Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira, escreveu diversas obras sobre educação pelas lentes da perspectiva crítica.

206). Por isso, sugere que: “Nossa ênfase precisa ser uma transformação cultural: destruir o dualismo, erradicar os sistemas de dominação” (p. 237).

Entretanto, para gerar tal revolução na sociedade é crucial transformar o âmago deste movimento. A paz, a liberdade, a justiça, a ausência de qualquer forma de opressão e discriminação precisam ser características do movimento, das pessoas que o integram e das quais quiserem fazer parte. Portanto, é neste momento que começa a parte desconfortável e essencial desta obra: as críticas internas de bell hooks (2019). Tais críticas desvelam questões que estavam confortavelmente acomodadas, como, por exemplo: a importância de conceituar feminismo; a perspectiva classista e o motivo da resistência de muitas mulheres em fazer parte do movimento; e a aversão ao masculino como uma estratégia que não favorece o fortalecimento do movimento.

Sabemos que, para um movimento revolucionário, uma teoria sem ações beira a inutilidade. Também é verdade que ações sem um bom embasamento teórico tendem a desvios de foco, o que leva ao enfraquecimento de uma ideia revolucionária. Por conta disso, a autora afirma: “Um problema crucial do discurso feminista reside em nossa incapacidade para chegar a um consenso sobre o que vem a ser o feminismo ou aceitar uma definição (ou mais de uma) que possa construir um denominador comum” (p. 47). O que chama a atenção para o problema das definições simplistas e genéricas, como se fosse movimento: em prol da libertação das mulheres (p. 48); que ajuda as mulheres a se equipararem socialmente aos homens (p.48); ou, até mesmo, tratar o feminismo como uma identidade ou uma opção de estilo de vida (p.62). Tais conceitos são incapazes de refletir o caráter político radical do movimento feminista.

Desde o primeiro capítulo, a autora relata como se deu o início do movimento feminista nos Estados Unidos, e aborda o fato de que a iniciativa partiu das mulheres brancas, intelectuais e burguesas. Eram os anseios e as dores dessas mulheres que direcionavam os objetivos do movimento. Essas mulheres estavam “[...] ocupadas em favorecer seus interesses de classe” (p. 37). Diante disso, erradicar a opressão racista e classista não constava como prioridade na pauta do movimento, até porque as mulheres burguesas não sofriam com isso. Segundo suas palavras:

Feministas que gozam de uma situação privilegiada têm se mostrado incapazes de falar para, com e por outros grupos de mulheres, ou porque não compreendem plenamente as inter-relações entre sexo, raça e opressão de classe ou porque se recusam a levar a sério tais inter-relações (bell hooks, 2019, p. 45).

Por isso, muitas mulheres pobres, negras e não negras, sentem dificuldade em ser feministas, pois não veem suas ideias e necessidades incluídas nos objetivos do movimento. Para essas mulheres, “[...] que se sentem excluídas da discussão e da práxis

feministas só podem encontrar um lugar para si mesmas se, antes de tudo, tomarem consciência, por meio da crítica, dos fatores que as alienam” (p. 37). Apesar dessas mulheres sofrerem por conta da exclusão racista e classista do movimento, bell hooks (2019) busca despertá-las para uma compreensão encorajadora da situação com a seguinte afirmação:

É essencial à continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam as vantagens advindas de nossa marginalidade e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia do racismo, do sexismo e do classismo, de modo a vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. O que estou sugerindo é que temos um papel central a desempenhar na constituição de uma teoria feminista e, junto com isso, uma contribuição a oferecer que é única e valiosa (bell hooks, 2019, p. 46).

No decorrer dos doze capítulos, bell hooks (2019) se preocupa em explicar e definir várias questões pertinentes ao movimento feminista, mas, como foi destacado anteriormente, ela sempre busca retomar três questões: necessidade de conceituar o feminismo e seus objetivos; a perspectiva classista e o motivo da resistência de muitas mulheres em fazer parte do movimento; e a aversão ao masculino como uma estratégia que não favorece o fortalecimento do movimento.

A escritora dedica o quinto capítulo para se posicionar contra esse costume de associar o feminismo a um movimento de repulsa aos homens, explicando que “sentimentos de hostilidade em relação aos homens alienaram muitas mulheres pobres e operárias, particularmente as não brancas, do movimento feminista” (bell hooks, 2019, p. 113). Pois, diferente das mulheres brancas da elite que, por conta dos seus interesses classistas, enxergavam os homens como seus adversários, as mulheres negras os tinham como companheiros de luta. Neste sentido a autora explicita:

Por anos a fio, mulheres negras (e homens negros) vinham lutando para superar tensões e antagonismos entre mulheres e homens negros gerados pelo racismo internalizado (isto é, quando o patriarcado branco sugere que um grupo causou a opressão do outro). As mulheres negras estavam dizendo aos homens negros: “Não somos inimigos uns dos outros”; “Temos de nos opor à educação que nos ensina a odiar a nós mesmos e uns aos outros” (bell hooks, 2019, p. 115).

Como mulher negra, empenhada na luta contra o racismo, bell hooks (2019) conhecia “o potencial transformador” (p.115), ao considerar os homens como “camaradas na luta”. E sabia que alimentar essa desunião faria sentido apenas para quem aspirava pela inversão do domínio da supremacia (p. 116). Ou seja, para quem aguardava o momento em que as mulheres brancas, finalmente, ocupassem o lugar de opressoras que os homens ocupam. No entanto, por não apoiar a existência de tantas formas de

opressão, e por vislumbrar o feminismo como um movimento capaz de erradicá-las, bell hooks (2019), por meio da seguinte elucidação, incentiva as feministas a considerarem a parceria dos homens na luta:

A ideologia separatista nos encoraja a acreditar que as mulheres podem fazer a revolução feminista sozinhas – mas não podemos. Uma vez que os homens são os principais responsáveis pela preservação do sexismo e da opressão sexista, sua erradicação só será possível se os homens assumirem a tarefa de transformar a consciência masculina e a consciência da sociedade como um todo (bell hooks, 2019, p. 130).

Para que a sociedade experimente da revolução descrita no capítulo doze, aqueles que fazem parte do movimento e os que se achegarem, precisam saber que: a luta é contra a tríade opressora (sexismo, racismo e classismo); a análise e a crítica interna são necessárias para superar as limitações da práxis da luta e na estruturação de conceitos e objetivos; e é imprescindível para a agenda feminista a educação das mulheres, de todas as mulheres (p. 163-173).

Em síntese, acreditamos que essas sejam as lições que podemos aprender com essa cuidadosa pesquisa e reflexão proposta por bell hooks (2019).

Referência

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução: Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva. 2019. 254p.